

humanitas



Vol. XV–XVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA
MCMLXIII-LXIV

César — **De bello civili** (*La Guerre Civile*). Livre premier. Collection «Érasme». Paris, Presses Universitaires de France, 1962. 129 pp.

Uma introdução concisa inicia este pequeno volume da coleção «Érasme». Aí o comentador passa em revista os motivos que teriam levado César a ditar apressadamente (pois o texto está inacabado e começa «ex abrupto») umas notas, constituindo narrações de acontecimentos do tipo *commentarii*; trata-se de uma espécie de memórias, cujas linhas gerais foram traçadas por ele mesmo, que possivelmente ainda interveio no final, dando um último retoque.

A obra aparece num momento complicado da vida romana, em que César parte para o Oriente para se demorar fora de Roma durante cerca de três anos. Faltando o político, era necessário que o prestígio não fosse lesado por esse motivo. A intenção de César teria sido a de evitar deixar cair no esquecimento do público a sua pessoa, ao mesmo tempo que desviava a atenção geral de uma empresa em que a política romana sempre tivera um escolho a vencer. A narração não é completa nem sequer ordenada, e gira em volta da figura de César; o Comentador pensa, porém, que o aparecimento em público do *De bello Ciuili* se deu depois dos Idos de Março de 44, a instâncias de António, que se havia apoderado tanto desta obra como dos demais papéis do ditador denominados também *Commentarii*.

O texto está abundantemente anotado em rodapé, o que se torna útil especialmente para o público estudantil. O comentador indica-nos as fontes de que principalmente se serviu para a presente edição; apesar disso, não ficamos a saber qual o texto basicamente seguido.

JORGE ALVES OSÓRIO

Giulio Vâllese — **Da Dante ad Erasmo**. Studi di Letteratura Umanistica. In appendice: *Erasmo da Rotterdam, L'Apoteosi di Reuchlin*. Napoli, G. Scalabrini Editore, 1962. 254 pp.

Trata-se de um conjunto de pequenos estudos sobre o Humanismo, em especial a sua génese e os primeiros passos, até Erasmo. As linhas gerais dos capítulos que integram este volume, em número de sete, são indicadas pelo Autor logo no prefácio.

O cap. I, cujo título é *Vevasione còrtese*, fundamenta-se na afirmação inicial: «Intendendo per letteratura di «evasione» quella non impegnata nel problema religioso, cio è quella che esclude e rifiuta la dimensione metafisica del mondo e non misura le azioni e le passioni umane sul metro della trascendenza, possiamo definire «evasione còrtese» quell'atteggiamento della cultura medievale che culmina nel laicismo stilnovistico e nell'averroismo duecentesco» (pág. 13). É importante esta definição, pois o humanismo, pelo menos no relativo à Itália, nasceu de uma reacção

contra o racionalismo averroísta e logicista do século xiii. O conhecimento, graças às traduções recentes, de Aristóteles agiu de forma poderosa no pensamento medieval, desviando-o de uma linha neoplatónica que vinha seguindo. É a altura em que a lógica é içada às cátedras das universidades, em particular à de Paris, onde assentará arraiais; coincidem o aparecimento de heresias e o desenvolvimento da medicina. Em literatura, nota-se a influência da *Ars amatoria* de Ovídio, no respeitante às concepções do amor.

Como se verá no importante cap. II — *Retorica medievale e retorica umanistica* — o cientifismo não tinha condições de se impor no ambiente místico da Idade Média; o retorno aos textos clássicos, agora vistos mais como «literatura» do que como documentos, é iniciado, de forma aberta e sistemática, por Petrarca. Se a Patrística tinha visto nos grandes autores clássicos altos modelos a seguir, tanto no estilo como na elevação das máximas morais (na ânsia de uma conciliação com as suas concepções religiosas), o mesmo não acontece durante o «Duecento». A retórica, até essa altura, não se servira dos textos clássicos para estabelecer regras : sempre era possível uma certa originalidade na composição literária. Ora as coisas mudam, com o advento da lógica aristotélica; a sua influência racionalista é tal que a própria Teologia se preocupa demasiado com a discussão das *argutiae*. E razão tinha, muito mais tarde, Erasmo, quando opinava que «Is mihi vere theologus est, qui non syllogismis arte contortis, sed affectu, sed ipso uultu atque oculis, sed ipsa uita doceat adspernandas opes...» (p. 160, n.º 117). A Gramática, por seu lado, transformara-se num enunciar de regras, desligadas da língua concreta, uma vez que interessavam leis universais aplicáveis a todas as línguas; ao mesmo tempo, fixa mnemónicas e despreza Prisciano, porque «constructiones multas dicit, causas non assignat».

No campo da estilística, desde Alberico de Montecassino que a Retórica é fundamentalmente uma arte de escrever artificial, em que conta mais a observância da regra do que o bom gosto pessoal. O discurso — «oratio est sermo contextus ad clausulam tendens» — é dividido e subdividido em partes; abundam os tropos e as figuras, enquanto a prosa é monótonamente cadenciada pelas cláusulas. Em Cícero eram elas especialmente procuradas, sem haver a preocupação de captar também o tornar pessoal da frase. Nas *Artes dictaminis* encontra-se codificada esta estilística característica da influência escolástica : o ornamento vale por si e por si mesmo é buscado.

Há, por consequência, uma falta de interioridade, de experiência íntima, do que hoje se pode chamar «poética». O formalismo exterior impressiona mais do que o conteúdo. Exemplo são as já referidas cláusulas, a tal ponto que se pode perguntar se, no Humanismo posterior, eram utilizadas. É muito provável que, naqueles em quem não havia um estilo mais pessoal, a influência dos tratados medievais se fizesse sentir com mais acuidade de forma a rebuscarem a frase com esse ornamento. É, pelo menos, o que se pode concluir da observação de algumas *Orationes* do humanismo quinhentista português : enquanto a *elegantia* era, segundo uma *Ars grammatica* medieval, «quae facit ut locutio sit congrua, propria et apta...» (pág. 43), na literatura humanística andarà ligada a uma concepção moral da vida, a uma interioridade digamos «petrarquista». «Ciò che caratterizza la retorica medievale, distinguendola nettamente da quella umanistica, è l'abuso di tropi e figure, che «hanno un valore estetico proprio, riconosciuto dal Medioevo»» (p. 45).

Entretanto esboça-se a reacção; João de Salisbúria precede, em certa medida, Petrarca, mas é este o grande iniciador do movimento humanístico ; o *poeta-theologus* admira em Cícero e Virgílio não só a beleza harmónica da frase, mas o alto sentido do pensamento: «sarà certo assai più vicino a quel «quidam Cicero, cuius linguam fere omnes mirantur, pectus non ita» esaltato da S. Agostino come iniziatore alia fede...» (p. 51). Petrarca foge de uma retórica exterior, bárbara ou gótica, como lhe chamavam os humanistas, para tentar expressar, pela literatura, uma beleza substantiva, mas qualitativamente verdadeira. Entre nós, é em André de Resende que encontramos uma das mais categóricas afirmaçõs antimedievais : «Eius autem ignorantia quantas literariae rei tenebras obfuderit, pronius mihi esset deflere, quam Hercules enumerare. Quid enim aliud dolemus, quam abhinc annos amplius mille, ad Gothorum uidelicet eruptionem, Latinae Graecaeque elegantiae internecivam cladem, ex qua secuta sit insignis etiam artium aliarum inscitia? Pro, foeda tempora, quorum non sine maiorum nostrorum contumelia, non sine nostro dolore recordamur, non sine turpitudine summa obliviscimur, non sine maiore nos eorum taedet miseretque. Quae uos egregii adolescentes si saepe, quo dignum est iudicio, in memoriam reuocetis, optimam huic arti operam nauabitis.» (André de Resende, *Oração de Sapiência (Oratio Pro Rostris)* Lisboa, 1956, p. 36).

A questão não estava no arranjo exterior, mas no cerne da mentalidade; Lourenço Valla teve esta afirmação, importantíssima para a compreensão do Humanismo : «non lingua gentiliū, non grammatica, non rhetorica, non dialectica, ceteraeque artes damnandae sunt (siquidem Apostoli Graeca lingua scripserunt), sed dogmata, sed religiones, sed falsae opiniones de actione virtutum, per quas in caelum scandimus» (*Elegantiarum Libri*, introd., p. 54), tal qual Desidério Erasmo (vid. p. 55, n.º 51).

«La vera filologia è dunque eloquenza, è Sapienza, è sinónima di umanesimo» (p. 60): assim como no cap. I se falou numa evasão cortês, também aqui não parece descabido pôr o problema de uma *evasão humanística*, feita de razão e entusiasmo. Talvez valha a pena citar aqui estas límpidas palavras de um conhecido autor: «Il y a donc dans l'humanisme toute une part de labeur artistique ou littéraire, par où s'affirme une volonté de libération individuelle et d'expression individuelle, qui s'accorde avec un besoin d'évasion hors du temps, à la rencontre d'un idéal perdu de noblesse humaine». (Augustin Renaudet, *Humanisme et Renaissance*, Genève, 1958, p. 36). Como já também foi preconizado, poder-se-ia chamar a esta concepção «misticismo da nobreza humana». É que (e em certa medida, no respeitante a Portugal, um estudo aprofundado dos textos com o auxílio de documentos talvez ajudasse a precisar alguns pontos, se é que não revelava novos), a atitude humanística é profundamente ética. Roma e o Império caíram, não porque as instituições deixaram de satisfazer as exigências nascidas da evolução dos tempos, mas devido ao facto de os Bárbaros as haverem inundado de «barbaries». Daí, em parte, a acção pedagógica humanística, expressa por Valia numa passagem que lembra outra de André de Resende já citada : «quae probatum iri bonae mentis iuuenibus (non senes desperandi sunt) confidimus». A esperança era a juventude, que de novo concretizaria o ideal do «orator» ciceroniano ; o português Jerónimo Cardoso, em 1534, assim falou aos estudantes da Universidade de Lisboa. A «mensager» pedagógica estava naquela nova *elegantia*, que o francês Arnaldo Fabricio apregoava em 21 de Fevereiro de 1548, quando em Coimbra se inaugurava uma

instituição tipicamente humanística, o Colégio das Artes: «Quocirca divini huius erga nos muneris eo notior est nunc magnitudo, quo recentior est adhuc barbariei memoria, quae tyrannide sua omnem humanitatis elegantiam multis seculis oppressam tenuit, .a qua artes contaminatae, et elegantiores litterae labefactatae, suaque dignitate spoliatae cum fuissent...» (Arnaldo Fabrício, *De Liberalium Artium studii Oratio*, edit, por Luis de Matos, in *Quatro Orações Latinas Proferidas na Universidade de Coimbra e Colégio das Artes (séc. XVI)*, Coimbra, 1937, p. 20). Enfim, está em causa a própria personalidade do escritor: «I problemi dello stile nel Quattrocento non furono di puro tecnicismo, o di futile estetismo, ma di gusto» (p. 53).

Um aspecto que interessa em particular ao humanismo português é o da expansão. Ao mesmo tempo que há uma valorização do homem, brota o sentimento da necessidade da comunicação da sabedoria. Se a Roma imperial levava até aos confins do mundo do seu tempo uma civilização, porque não aconteceria o mesmo com a Roma católica? Em Portugal, mercê de um condicionalismo particular, este é um dos temas mais comuns no século xvi, sendo mesmo objecto de peças oratórias, como a *Panegyrica oratio* de um médico lisboeta e depois professor em Coimbra, o Cristão-novo António Luís. No relativo à Itália, os homens de letras entusiasmaram-se com o alargamento do horizonte geográfico-comercial, mercê das viagens de comerciantes a pontos nebulosamente conhecidos. O humanismo, optimista em grande medida, exalta «la grandeur du génie humain, la puissance de ses créations des sciences, dans l'art, dans la vie morale, oppose sa force à la force brute de la matière dont il saisit les lois» (Renaudet, *ob. cit.*, p. 38.)

A posição de Dante quanto à língua vulgar e à língua tradicional da cultura e da Igreja, o latim, é abordado no cap. III — *Dante e il volgare d'Italia* —. Um ponto que convém fixar, pelo que de semelhante se repetiu no século xvi, é a defesa do uso da língua comum como meio de comunicação com um público mais vasto; as mesmas razões invocará Pedro Nunes (in *Tratado da Sphera*, in *Obras*, I, p. 3), Garcia de Orta e também o conhecido lente conimbrigense Martinho de Azpilcueta com o *Commento en romance*. A acção de Dante é particularmente notável pelo esforço em criar uma língua filosófica em vulgar, isto é, como Cícero procedera no relativo ao latim, muito conscientemente, tenta fixar em normas gramaticais essa língua, até aí só manuseada pelos poetas: «conformato a nuova grammatica che lo renda duraturo, e degno di dirsi volgare illustre d'Italia, e di avere, come l'Italia nell'Impero, un posto di privilegio a fianco del latino» (p. 99).

Mas o contacto com a literatura antiga não revivescera só esta tendência universalista; também aspectos mais pedantes foram moda e objecto de crítica. O cap. IV — *Da Crisloforo Longolio al «Ciceronianus» di Erasmo* — mostra como uma imitação servil do antigo podia levar a questiúnculas. A moda desvirtua o valor humano do legado clássico. Mas nem por isso deixa de ser um traço típico do Humanismo o caso da cedência do título de *civis Romanus* ao «barbarus» Cristóvão Longólio em 1519, que esteve na génese do importante *Ciceronianus* de Desidério Erasmo. O holandês pugna por uma genuína interioridade, num dos mais positivos aspectos dos séculos xv e xvi humanistas, tanto nesta obra como nos famosos *Colóquios*. O cap. V — *I «Colloquia Familiaria» di Erasmo* — constitui uma pequena análise dessa e outras facetas. O fundo polémico que presidiu à feitura da obra condicionou em certa medida a arquitectura da mesma; com base, porém, em alguns pontos evi-

dentos de contacto, pôde o A. ver num coloquio como o *Epicureus* ecos do *De uoluptate* de Lourenço Valla, paia concluir: «Un'altra prova dell'italianità della cultura umanistica di Erasmo» (p. 148).

Quanto a nós, é de especial interesse observar como a luta contra a superstição («È il paganesimo, insomma, i riti e le cerimonie 'plusquam iudaicas⁵ che egli combatte e irride», p. 139) ea pobreza de interioridade são bem recebidas em certos meios peninsulares. Além do fluente estilo latino, sem dúvida foi esse ponto que agradou sobremaneira, de forma que, cerca de 1546, em seu pleno florescimento quinhentista, a Universidade de Coimbra viu aparecer uma edição escolar dos *Coiôquios* «ad meliorem mentem revocata», que, em conjunto, se mostra muito benévola, se a compararmos com as demais congéneres (Marcel Bataillon, *L'édition scolaire coimbroise des «Colloques» d'Érasme*, in *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Coimbra, 1952; pp. 219-256). Encarregou-se da tarefa o mestre em Artes, João Fernandes, que, na carta-prefácio, deixou escrito: «Attigisset hunc scopum feliciter Erasmus hoc maxime colloquiorum opere si dum euellendae superstitioni dat operam minus, quod non arbitrator ex animo factum, pietatem offendisset»; palavras que talvez contenham alguma coisa de aproveitável no «processus» humanístico português. Um ponto, porém, que valia a pena tratar, e que falta, no trabalho que vimos recensando, é o da análise da gênese de um sentimento do desengano (do mundo ou não) que virá a desenvolver-se em fins do século xvi; ora o humanismo contém em si já alguns traços dessa atitude. O cap. VI — *Erasmus e Reuchlin* — e o VII — *L'Apotheosis Capnionis* — abordam, como os próprios títulos sugerem, a posição tomada por Erasmo na questão de João Reuchlin (Capnão). Sabendo nós que para o humanista holandês «Il suo Cristo era quello del Sermone della Montagna, semplice nel suo candido amore, e spoglio d'ogni pesantezza scolastica: e nella causa deirumanesimo la religione cercava il suo sostegno contro le deformazioni dell'ignoranza e dell'ipocrisia» (p. 189) compreender-se-á melhor que «in Reuchlin Erasmo difendeva gli studi umanistici, e quindi la propria dignità e il proprio patrimonio ideale di studioso» (p. 180).

O livro, que termina com o texto e tradução da *Apotheosis Capnionis*, aborda, como se viu, alguns dos aspectos de urna época bastante difícil de esquematizar, pelas múltiplas facetas de que se reveste por vezes, e até pela maneira diferente como hoje equacionamos alguns problemas. Apresentando quadros soltos, embora dentro de uma certa ordem, com um objectivo escolhido, não se pode deixar de notar que, em linhas gerais, as interpretações apontadas se podem encontrar num outro autor italiano, Giuseppe Toffanin, cuja *Storia dell'Umanesimo* trata a matéria em termos semelhantes. No entanto, e até pela erudição em que se baseia, a obra merece ser lida por quem se dedica à história do humanismo português; muitos dos seus aspectos revelam, na verdade, semelhanças com o italiano, embora falte conhecer em que medida é que um influiu directamente no outro.